BANCO DO BRASIL

apresenta

DOM JOÃO VI



TEXTO E DIREÇÃO
HELDER COSTA



Sei que há léguas a nos separar
tanto mar, tanto mar
sei também quanto é preciso, pá,
navegar, navegar.

CHICO BUARQUE

Diálogo talvez seja a palavra-chave para se compreender esta montagem. Ela resulta, antes de mais nada, da interação entre duas companhias de teatro separadas por um oceano inteiro, mas unidas no propósito comum de resgatar as origens populares do seu ofício. A brasileira Companhia Ensaio Aberto e a portuguesa A Barraca, empenhadas em superar a distância geográfica entre os dois países, têm já uma história de colaborações que culmina aqui, sob os auspícios do Banco do Brasil.

A irreverente encenação da História contida em Dom João VI, reunindo agora o diretor português Helder Costa e o elenco da trupe brasileira, acrescido de atores convidados também brasileiros, propõe a superação, pelo humor e a inteligência, de velhos paradigmas sobre colonizadores e colonizados. A história de um momento fundador da identidade luso-brasileira, qual seja o da transferência da corte portuguesa para o Brasil no século 19, ressurge no palco transfigurada em ficção com tons de farsa e comédia popular, tratada não como episódio de um passado enterrado, mas como coisa viva que dialoga bem com o sentimento da nossa época.

Deixando de lado o verniz formalista que, em certa medida, afastou o público contemporâneo de um contato mais quente e participativo com o fenômeno teatral, Dom João VI quer resgatar a comunicação direta, o sentido de jogo interativo e, em última análise, o prazer do diálogo entre platéia e atores, entre fatos históricos e imaginação criadora.

O Centro Cultural Banco do Brasil tem sido pródigo em ações que revertem em benefício do estreitamento de laços entre a cultura brasileira e a portuguesa. Mostras de cinema, seminários e eventos musicais têm, com freqüência, promovido a travessia desse oceano que ainda é de relativa indiferença e desconhecimento, apesar do passado, das tradições e do idioma comuns. Por isso recebemos com entusiasmo essa nova etapa de diálogo, que tem tudo para frutificar na forma de novas realizações. Contamos já com cinco séculos de profícuas viagens rumo ao entendimento e à cooperação. Muito nos honra estar nesse mesmo barco.

CENTRO CULTURAL BANCO DO BRASIL

Sofria - sofreu. Amachucado, traído, aos empurrões de todos, sucedeu-lhe a pior coisa que pode acontecer à matéria: veio-lhe fastio. Grotesco, feio, com a existência aos baldões, sem um bocadinho de ternura (a morte leva-lhe todos os amigos), rei ainda por cima, as suas anedotas, a sua vida, a sua figura, são ainda hoje motivos de chacota... E no fundo, sob essa capa ridícula, por baixo da barreira de papeira, da beiça, do olhar desconfiado, havia, houve sem dúvida uma ternura enorme. A mulher traiu-o; os filhos enganaram-no e mentiram-lhe; teve de fugir, de se livrar do veneno, das revoltas, da intriga, sempre a encostar-se à amizade de este, daquele, dos generalões, dos embaixadores, dos ministros, dos criados... Esqueçam-lhe a carcassa. Já hoje a figura está reduzida à sua verdadeira essência: passaram-lhe de vez as hemorróidas. É um homem simpático que fez neste mundo o bem que pôde. Às vezes realizou pequenas coisas - tão úteis que ainda hoje o povo tira delas proveito. Foi ele quem povoou o mar do Brasil de sardinha para os pobres comerem com pão. Plantou árvores. Amou - e foi talvez sob o grotesco uma alma delicada. Talvez nenhum de nós pratique acto de que reste memória. Não seria uma grande inteligência nem um grande caráter - mas passou a vida a afligir-se. Por qualquer lado que encare é um motivo de chacota. É o senhor D. João VI - é o pataco - é o rapé - É a beiça - ... É - mas é também o melhor homem da sua época, e, sob o grotesco, encontra-se uma grande beleza escondida. Sofria - sofreu.
Quando muito o que nos é permitido, é um sorriso de simpatia...

RAUL BRANDÃO



O Regresso de D. João VI

Em 1980 estreei no Glauce Rocha "D. João VI" com o grupo A Barraca, de Lisboa. O entusiasmo que esse trabalho despertou no público e na crítica, no Rio de Janeiro e em S. Paulo, confirmaram-me que o trabalho sobre figuras históricas era estimulante, particularmente se, como no caso de D. João VI, o primeiro Rei "Brasileiro", beneficiasse de uma especial afetividade por parte do público.

Sempre pensei que isso se devia ao fato indiscutível de ele ter significado um salto qualitativo na condição de colônia, e também por, pela primeira vez, o público Brasileiro contemporâneo ter tido acesso às circunstâncias históricas que tinham forçado a Corte a fugir para o Brasil, e ter ficado a conhecer o trágico final de um Rei hesitante e dividido entre o amor do povo e o ódio do círculo aristocrático. Na prática, verificava-se, através da informação fornecida por um espetáculo de teatro, que era possível estreitar os laços entre Portugal e o Brasil, confirmando a história-comum e arredando serôdios complexos de colonizador-colonizado.

Daí que sempre tive o sonho de poder participar na montagem dessa obra com um elenco Brasileiro, acreditando que seria mais um passo positivo no sentido de ir anulando "tanto mar" (como diz o poeta), que separa as nossas duas Pátrias. E a oportunidade surgiu com o convite do grupo Ensaio Aberto, dirigido pelo velho amigo e companheiro Luiz Fernando Lobo, para a programação do Centro Cultural do Banco do Brasil.

Termino com algumas palavras que motivaram esta aventura dramatúrgica em 1979: Com " D. João VI", eu tento dar mais um empurrão para que as pessoas se sintam mais livres de idéias e conceitos reaccionários; tento pôr as pessoas contra as políticas de conciliação e hesitação que conduzem à perda da dignidade e da independência nacional; tento criar um sentimento de repugnância e alerta contra os que manipulam os hesitantes para depois os trairem; tento que se fique livre da indecisão de D. João VI, mas que se fique a odiar quem o envenenou".

Terão interesse, hoje, estas questões? Como escreveu George Orwell: "aquele que tem o controle do passado, tem o controle do futuro. Aquele que tem o controle do presente, tem o controle do passado".

HELDER COSTA



ROGÉRIO FREITAS *(D. João VI)*

TUCA MORAES *(Carlota Joaquina)*

IVONE HOFFMANN *(Dona Maria I. Representante Santa Aliança)*

ANDRÉ VALLI *(Padre velho. D. José. Cardeal Patriarca. Duque de Lafões)*

CARLOS GREGÓRIO *(Luís Pinto. Conde de Palmela. Carlos IV. Ministro)*

LUIZ FERNANDO LOBO *(Pina Manique. Junot. D. Pedro. Silvestre Pinheiro Ferreira. João dos Santos. Conselheiro. Ministro 1. Médico 1. José Veríssimo)*

FÁBIO LAGO *(D. Miguel. Marquês de Marialva. José Inácio. Embaixador Português. Antonio Gomes Ribeiro. José Seabra da Silva. Presidente do Congresso. Padre 1. Ministro Francês. Ministro 2. Médico 2)*

GILBERTO MIRANDA *(Arcebispo. Francisco Lobato. Jardineiro. D. Rodrigo de Sousa Coutinho. Ministro 3. Antônio de Araujo. Alferes. Inácio Quintela. Fidalgo. Marquês. Sacristão 1)*

NEY MOTTA *(Padre 2. Embaixador Espanhol. Ministro Inglês. Embaixador Inglês. Marques de Borba. Vila Nova. Padre Castelo Branco. Médico 3. Marquês de Loulé. Mordomo. Médico da Rainha)*

LEILA MORENO *(Rapariga. Aia 1. Comerciante. Sacristão 2. Soldado com tambor 1)*

AMORA PÊRA *(Laura Junot. Aia 2. Marquesa. Médico 4. Soldado com tambor 2)*

DIREÇÃO E DRAMATURGIA HELDER COSTA
DIREÇÃO DA CIA ENSAIO ABERTO LUIZ FERNANDO LOBO

CENOGRAFIA CICA MODESTO
FIGURINO BETH FILIPECKI & GIOVANI TARGA
ILUMINAÇÃO E DIREÇÃO TÉCNICA LEYSA VIDAL
DIREÇÃO MUSICAL E ARRANJOS TÚLIO MOURÃO
BONECOS MARIONETES BERNARDO ROHRMANN & RENATA FRANCA
PREPARAÇÃO CORPORAL PAULA ÁGUAS
PROGRAMAÇÃO VISUAL DANIEL SOUZA
ASSESSORIA DE IMPRENSA ZAPPA COMUNICAÇÃO & CONTEÚDO
ASSISTENTE DE DIREÇÃO FERNANDA FARIA
ADMINISTRAÇÃO WILLIAN TARANTO
DIREÇÃO DE PRODUÇÃO ANGELA M. SERRANO E TUCA MORAES

CONSTRUÇÃO DE ARTE E OBJETOS DE CENA CELESTINO SOBRAL
COSTUREIRA CÊNICA DÉA ALEXANDRE DE SOUZA
ASSISTENTES DE COSTURA CÊNICA VANESSA MERCEDES, MARIA HELOISA DE CARVALHO E CARMEM RIBEIRO
TÉCNICA DE CONSTRUÇÃO WESLEY SALES, KELSON SANTANA E CARMEM RIBEIRO

PRODUÇÃO DE FIGURINO RENALDO MACHADO
FIGURINISTA ASSISTENTE ANDRÉ UYTANAN
COSTUREIRA SELMA EVANGELISTA SANTOS, CONCEIÇÃO SIQUEIRA E RAILDA MARQUES LIMA
ALFAIATES RENATO NASCIMENTO E SILVA E ROSENDO DOS SANTOS
ADEREÇOS MARCELA RUBEERT E MAISA MELO
PINTURA DE ARTE SHIRLEY MARIA NEIVA E VIVIANE RODRIGUES
PERUCAS DIVINA

ILUMINADOR ASSISTENTE LUIZ OLIVA
OPERADOR DE LUZ LEDSON AGOSTINHO
MONTAGEM DE LUZ ROBERTO SANTOS, RITA SÉRGIO E ALBERTO GARRIDO
OPERADOR DE SOM MARCELO CABANAS

DIRETOR DE CENA. LUCAS JUNIOR
CAMAREIRA ANGELA RITA MARTINUSSO
SECRETARIA DE PRODUÇÃO ALINE FAGUNDES
AUXILIAR DE PRODUÇÃO RODRIGO SOUZA

TRANSPORTE DE ELENCO ANTÔNIO MÁRCIO DA SILVA
TRANSPORTE DE CARGA TERRA

CIÊNCIA DO NOVO PÚBLICO LEILA MORENO, MARCELO CABANAS E NEY MOTTA
ASSESSORIA DE IMPRENSA DA CIA. NEY MOTTA
WEB MASTER MARCELO CABANAS
FOTOGRAFIA LUIZ FERNANDO LOBO
FOTOCOLAGEM DOM JOÃO VI CELESTINO SOBRAL & CICA MODESTO

CONSULTORIA LUIZ LOBO
CONTABILIDADE NELMA BELLO

AGRADECIMENTOS
ANTÔNIO GOMES DA COSTA, DINO CARRERA - TEATRO ODYLO COSTA FILHO - UERJ,
JORGE COSTA, MAURO VIANA E JOU JOU PAPELARIA

AGRADECIMENTOS ESPECIAIS
WERNER TECIDOS "TODO O FIGURINO É CONFECCIONADO COM TECIDOS WERNER DE PETRÓPOLIS"
ELKE COSMÉTICOS , QUANTA, FUNDAÇÃO CULTURAL BRASIL PORTUGAL, MARCELO GRÁFICA E DRESSA COLOR

CENTRO CULTURAL BANCO DO BRASIL
Teatro I - 9 de janeiro a 30 de março de 2003



Um refúgio? Uma barriga?

Um abrigo onde se esconder quando
estiver afogando na chuva,
ou sendo quebrado pelo frio,
ou sendo revirado pela tormenta?

Temos um esplêndido passado pela frente?

Para os navegantes com desejo de vento, a memória
é um ponto de partida.

EDUARDO GALEANO

Um Diálogo no Presente: 10 anos.

Este ano a Companhia Ensaio Aberto faz 10 anos. Cemitério dos Vivos, nosso primeiro espetáculo, estreou no dia 30 de janeiro de 1993. A Ensaio Aberto foi criada para repensar a relação palco e platéia, rever a posição da arte e do artista em relação a sociedade. De lá pra cá nosso principal objetivo foi trazer para o teatro um novo público, especialmente aqueles que devido a baixas condições de renda não tem acesso a praticamente nenhuma forma de arte. Arte como direito. Arte como princípio de cidadania. Arte com intervenção na realidade.

Nesses 10 anos nosso repertório foi uma tentativa de diálogo com a realidade que nos cerca. Foi a nossa forma de intervir no mundo, foi parte da nossa militância.

Nossa parceria com A Barraca vem de outros carnavais e o Helder é um companheiro de ofício e de luta de longa data. A ocasião não podia ser mais oportuna para a realização de mais um projeto comum.

D. João VI é a nossa proposta de diálogo com a sociedade nesse momento histórico que vivemos. O momento em que, pela primeira vez, elegemos um torneiro mecânico presidente da República. O momento da possibilidade de construção de um novo país. Soberano, independente, justo e democrático. O momento em que podemos e devemos repensar o papel das elites na construção do nosso país. O momento em que podemos e devemos pensar na participação popular na construção da nossa independência e soberania. O momento em que podemos e devemos pensar porque uma das maiores economias do mundo possui 54 milhões de pessoas que passam fome. O momento em que podemos e devemos pensar porque ainda não conseguimos erradicar o analfabetismo. O momento em que mais do que nunca é preciso pensar qual o papel da cultura nesse novo país. Rever a história, com um novo olhar para o presente e uma grande esperança no futuro próximo.

Repensar a história aqui, dentro de um teatro do Centro Cultural Banco do Brasil, um banco fundado por D. João. Um rei que foi popular mas morreu envenenado. Refazer a história aqui, possibilita acesso a novos públicos, transformando a ida de novos espectadores a um simples espetáculo de teatro numa ação de cidadania.

A Companhia Ensaio Aberto fica extremamente honrada em realizar esse espetáculo com atores convidados junto aos atores permanentes do nosso grupo. Não são apenas bons atores, não são apenas grandes amigos, não são apenas ótimos nomes. São companheiros que partilham conosco do desejo de mudança e que embarcaram conosco nessa aventura. Sem pretensões, esperando que você querido leitor, se divirta um pouco, entre pernas de frango e alguns piolhos, entre um rei beiçudo e uma rainha manca, entre Portugal e o Brasil. Sabendo que muito falta navegar. Tanto mar?

Luiz Fernando Lobo



As palavras são testemunhas que muitas vezes falam mais alto que os documentos. Consideremos algumas palavras que foram inventadas, ou ganharam seus significados modernos, substancialmente no período de 1789 a 1848. Palavras como "indústria", "industrial", "fábrica", "classe média", "classe trabalhadora", "capitalismo" e "socialismo". Ou ainda "aristocracia" e "ferrovia", "liberal" e "conservador" como termos políticos, "nacionalidade", "cientista" e "engenheiro", "proletariado" e "crise" (econômica). "Utilitário" e "estatística", "sociologia" e vários outros nomes das ciências modernas, "jornalismo" e "ideologia", todas elas cunhagens ou adaptações deste período. Como também "greve" e "pauperismo".

Imaginar o mundo moderno sem estas palavras (isto é, sem as coisas e conceitos a que dão nomes) é medir a profundidade da revolução que eclodiu entre 1789 e 1848, e que constitui a maior transformação da história humana desde os tempos remotos quando o homem inventou a agricultura e a metalurgia, a escrita, a cidade e o Estado. Esta revolução transformou, e continua a transformar o mundo inteiro.

ERIC J. HOBSBAWN



ensaio aberto

www.ensaioaberto.com



PATROCÍNIO
E REALIZAÇÃO

LEI DE INCENTIVO À CULTURA
MINISTÉRIO DA CULTURA

CENTRO CULTURAL
BANCO DO BRASIL